



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA ESTADUAL DE CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano I - nº 2
Vitória-ES
Fevereiro de 2011
Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Nesta edição:

José Roberto Santos Neves

Marcelo Ferreira

Fátima Nader

Leandro Bacellar

João Moraes



Estação Ferroviária de Mathilde, município de Alfredo Chaves

APRESENTAÇÃO



Marcos Alencar
marcos_alencar@terra.com.br

A idéia de se aferir cientificamente a avaliação deste Caderno, quanto a iniciativa, a proposta e o conteúdo, revelou-se desnecessária. Foram muitas as manifestações espontâneas partidas dos mais diversos segmentos culturais do Estado, não apenas congratulando-se com o Dio e a Secult mas, e principalmente, com leque das artes contempladas na edição de estréia.

A reação positiva dos leitores, ao mesmo tempo em que nos lisonjeia, nos estimula a manter a mesma ampla sintonia com o universo cultural capixaba. Parte dele está nesta edição, para a nossa alegria e o seu deleite.

Uma boa noticia gerada pelo estímulo dos leitores é a intenção do Diretor Presidente do DIO, Ademir Rodrigues, de tornar este Caderno D uma publicação mensal à partir do próximo ano. Outra boa noticia é que o novo Secretário de Cultura, José Paulo Viçosi endossou, com entusiasmo, a continuidade da parceria que une SECULT ao DIO na produção deste Caderno.

O Caderno D ao registrar o endereço eletrônico de todos os seus colaboradores o faz no propósito de promover a aproximação e a troca de ideias entre autores e leitores e assim estimular o aparecimento de novos atores neste cenário impresso da cultura capixaba.

Leiam, escrevam, não façam segredo de suas opiniões. E divirtam-se, porque cultura é diversão levada à sério.



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

JOSÉ EDUARDO FARIA DE AZEVEDO
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

ADEMIR RODRIGUES
Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

JOSÉ PAULO VIÇOSI
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

MAURÍCIO SILVA
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



MÚSICA

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Três CDs

que chegam ao mercado comprovam a tradição do Espírito Santo em revelar grandes instrumentistas

O Espírito Santo tem tradição em revelar grandes músicos. De Mauricio de Oliveira a Robson Miguel, passando por Helio Mendes, Carlos Poyares, Colibri e Paulo Sodrê, com escala obrigatória no conjunto Nota Jazz e o Quarteto JB, a música instrumental sempre rendeu harmonias refinadas por essas bandas.

Agora, três novos CDs que chegam ao mercado ampliam o cardápio sonoro daqueles que apreciam a música brasileira em suas diversas matizes. São eles “Aquarela Capixaba”, de Bruno Souza; “Poemas Brasileiros”, de Wanderson Lopez; e “Simplesmente Tom – Homenagem a Tom Jobim”, de Fredmam Fernandes.

Aquarela

Em “Aquarela Capixaba”, o jovem cavaquinista Bruno Souza recebe convidados com a proposta de exaltar a música instrumental genuinamente brasileira, percorrendo gêneros como choro, samba, baião e maxixe.



O repertório de 12 faixas contempla autores capixabas - Mauricio de Oliveira, Elias Borges, Raimundo Machado, Nelson Gonçalves Filho e Alfredo do Bandolim - e clássicos do cancioneiro nacional, numa viagem que vai de “Aquarela do Brasil” (Ary Barroso) a “Feira de Mangaio” (Sivuca / Glorinha Gadelha). Vale destacar o maxixe “Mauriciando”, de Nelson Gonçalves Filho, em homenagem a Mauricio de Oliveira, o maior violonista do Espírito Santo.

Poemas

A riqueza cultural do Brasil também inspira “Poemas Brasileiros”, do violonista Wanderson Lopez. Com larga experiência no circuito local, Wanderson segue a gloriosa tradição do violão nacional, construída em diferentes épocas por Dilermando Reis, Garoto, Baden Powell e Raphael Rabello.

Na busca do equilíbrio entre técnica e emoção, o músico alterna momentos intimistas (a sequência “Abrigo I” e “Abrigo II”) com picos de explosão rítmica (“Casa de Baden”), tendo o suporte dos pianistas Pedro de Alcântara e Fabiano



Araújo (ambos no acordeão), Gabriel Grossi (gaita), Diego Frasson (bateria) e Edu Szajnbrum (percussão). Com exceção de “Saudade a Três” (Roland Dyens) e “Jongo” (Paulo Bellinati), todas as canções são de sua lavra.

Para Tom


Por sua vez, em “Simplesmente Tom”, o clarinetista Fredmam Fernandes encara o desafio de interpretar oito canções de Tom Jobim anteriores à bossa nova.

Com exceção de “Insensatez”, as demais foram compostas e lançadas na década de 50, antes de João Gilberto inventar a mítica batida de violão que mudaria os rumos da MPB.

“Insensatez”, aliás, é a única instrumental. As demais contam com as vozes cheias de graça de Rebecca Vieira, Karla Kaiser, Isabela Seccato, Eliane Gonzaga e Danusa Rosa, em canções seminais como as que Tom fez a quatro mãos com Newton Mendonça - entre elas “Discussão”, “Foi a Noite” e “Incerteza”.

Fredmam Fernandes procurou ser fiel à sonoridade da época, valorizando a estética do samba-canção. E nada mais anos 50 do que a reedição do famoso dueto de Lúcio Alves e Dick Farney em “Tereza da Praia”, parceria de Tom e Billy Blanco, de 1954, agora



trazida ao século XXI pelas vozes de Zé Lopes e Marcos William, que reproduzem com charme o encontro de dois mestres que ensinaram o Brasil a cantar com delicadeza, doçura, sem medo de amar. 



Jornalista e autor dos livros “Maysa” e “A MPB de Conversa em Conversa”

CAPA

As belezas de *Matilde*

Espaço de encontros e despedidas, chegadas e saídas, onde todos os dias era um vai-e-vem com pessoas chegando e trazendo notícias do “mundo de lá”, a Estação de Matilde, recentemente restaurada e reinaugurada, está localizada em uma das regiões mais belas do Estado do Espírito Santo.

O pequeno e singelo distrito de Matilde é cortado pelo Rio Beneventes que ao longo de sua trajetória forma corredeiras e presenteia aquele conjunto arquitetônico e natural com uma cachoeira de mais de sessenta metros de queda d'água. Do mirante instalado em suas proximidades vislumbra-se uma paisagem exuberante que enche os olhos e a alma de todo visitante que por ali passa.

A bela Matilde faz parte de Alfredo Chaves, um município fortemente marcado pela imigração italiana que, no início do século XX, representava a quarta parte dos habitantes do Estado. O município deve o seu nome ao Inspetor Geral de Terras e Colonização do Império Dr. Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, que recebeu essa homenagem em função de sua relevante atuação junto às comunidades de imigrantes que compunham a região.

O nome Matilde também é uma homenagem a uma das filhas do engenheiro Adolfo Pinto Paca, encarregado da medição dos lotes agrícolas no século XIX. Suas outras duas filhas, Guiomar e Virgínia, também dão nome a vilas do município. O nome feminino empresta uma aura especial ao lugar,

marcado pela beleza e pela suavidade.

Segundo o historiador Luiz Serafim Derenzi, em 1895, o recenseamento das colônias do município indicava uma população de 5.843 habitantes, e o número de residências em 1.013 casas. Nesta época, o Brasil era grande exportador de produtos primários, sobretudo o café. Alfredo Chaves foi beneficiado com a implantação de vias férreas que favoreceram o escoamento da produção beneficiando assim a maioria dos imigrantes ali estabelecidos.

A Estação Ferroviária de Matilde é a maior estação implantada ao longo das estradas de ferro do Espírito Santo. Foi inaugurada em 1902 e tornou-se um marco da engenharia ferroviária nacional. Desativada em meados da década de 1980 foi tombada pelo Conselho Estadual de Cultura em 1986.


Durante muito tempo a estação foi ponto de encontro de gente “que vem e quer voltar, de gente que vai e quer ficar, de gente que veio só olhar, de gente a sorrir e a chorar, e assim chegar e partir... A plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar”. Maria da Penha Franzotti descreve em seu texto “A Bela Adormecida” esses momentos de intensa agitação durante a chegada do trem: “... de repente o relógio avisa, o sino dá a partida, a espera veste-se rápida e o apito ainda longe, alegre uns, entristece outros. Iniciam-se as despedidas: afagos, queixas, promessas, cuidados, recomendações, vozes confundem-se. Corre o guarda-chave, aguarda o guarda-freio, apressa-se o agente. Mãos procuram mãos, malas,

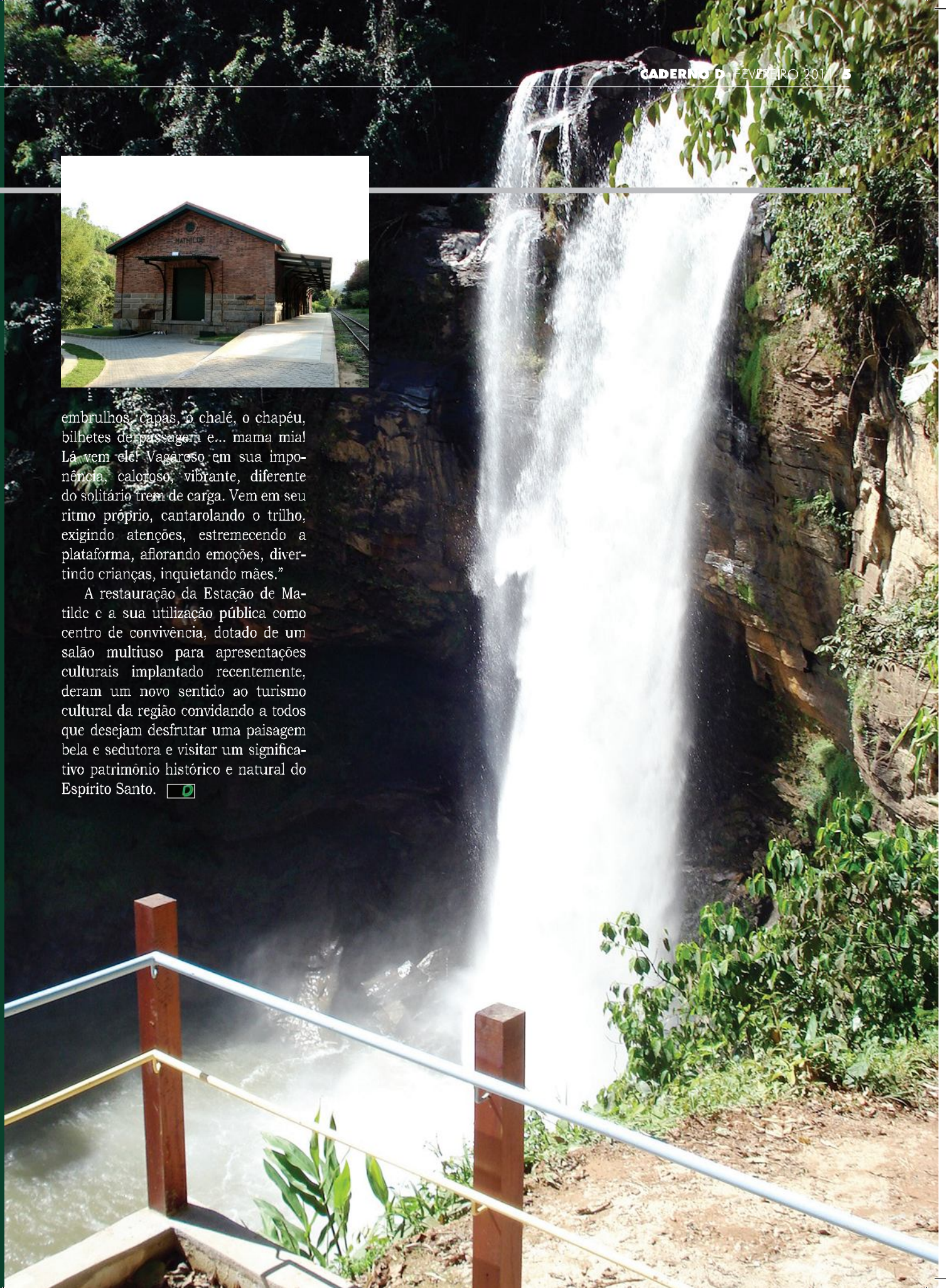


Erlon José Paschoal
erlonpaschoal@uol.com.br



embrulhos, capas, o chalé, o chapéu, bilhetes de passagem e... mama mia! Lá vem ele! Vagoroso em sua imponência, caloroso, vibrante, diferente do solitário trem de carga. Vem em seu ritmo próprio, cantarolando o trilho, exigindo atenções, estremecendo a plataforma, aflorando emoções, divertindo crianças, inquietando mães.”

A restauração da Estação de Matilde e a sua utilização pública como centro de convivência, dotado de um salão multiuso para apresentações culturais implantado recentemente, deram um novo sentido ao turismo cultural da região convidando a todos que desejam desfrutar uma paisagem bela e sedutora e visitar um significativo patrimônio histórico e natural do Espírito Santo. 



DANÇA

Dança
contemporânea
capixaba,

Magno Godoy,

arte e política cultural

A dança é a forma primeva de manifestação do ser humano. Se dança é movimento, tudo então começou no útero materno, no líquido amniótico onde “dançávamos” imersos.

Tão primordial que deveríamos “... só acreditar num Deus que soubesse dançar”, como nos revela Nietzsche.

A dança é também uma meditação, um meio de conhecimento, a um só tempo introspectivo e do mundo exterior, uma forma de comunicação e aperfeiçoamento sensorial.

Uma sociedade preocupada com o consumo imediato de tudo, com a idolatria da burrice e o controle tecnológico da informação, não entende a arte, não entende a dança como forma de comunicação e renega tudo que possa exigir um pouco mais da sua compreensão, do seu silêncio, da

sua observação, da sua reflexão.

Não podemos confundir dança de entretenimento (dos cabarés, das baladas, das micaretas, do salão...) com dança que ressignifica, que cria linguagem corporal, conteúdos signíficos que comunicam um pensamento, uma ideia.

Essa dança que estou falando, articula-se na contemporaneidade com as outras artes. É apresentada em palco ou em locação. Pode ser coreografada ou improvisada, pode partir de uma ideia, de uma imagem, resultantes da pesquisa que o artista desenvolve em sua trajetória.

Por não terem um apelo popular, mas por acreditarem na capacidade do público e do cérebro para ir mais longe e poder receber uma informação que proporcione uma nova impressão estética, essa arte, que hoje (quer dizer, desde o século XX) chama-se dança contemporânea, dança-



Ator, Bailarino, Professor. Diretor da Cia. Teatro Urgente/ES. Fundador e integrante da Cia. Neo-Iaô de Dança

Marcelo Ferreira

hcrerakind@gmail.com

-teatro, começa no Espírito Santo e em Vitória especificamente, com Magno Godoy e sua Companhia Neo-Iaô de Dança.

Magno faleceu em 2008. Em sua última entrevista, concedida à TV Educativa durante a apresentação de "Manguezal", ele fala de reconhecimento, não de fama, mas da necessidade de dar oportunidade para o artista se desenvolver. Dizia também que as Companhias de Dança estão sucateadas, sem espaço para ensaiarem e manterem os trabalhos em temporada e seus elencos e técnicos.

Hoje temos na política cultural do Estado, o Fundo de Cultura cujo desembolso é feito por Editais. Uma concorrência pública, acompanhada por curadores convidados que julgam nossos projetos. É uma boa política. Nas Artes Cênicas destaco a Bolsa Residência e a Circulação Cultural.


A política cultural deve ser viva,

atenta ao que ocorre na cidade e no mundo. Não dever ser feita só em gabinetes, deve incluir o diálogo permanente com a classe artística e demais setores da cultura.

Como dizia um personagem, no ambiente opressivo do meu espetáculo Metropolis "Memória...é alguma coisa...que deve ser esquecida para sempre!" "O passado está proibido!", decretava.

A luta da arte viva, como a dança e o teatro, é uma luta contra a barbárie cultural que enfrentamos hoje. Do total desinteresse pela educação, pelo conhecimento, pela história.

Magno Godoy escreveu uma carta para mim, quando morava em Itaúnas, Conceição da Barra, onde instalou sua sala de dança e atelier durante alguns anos. Guardo-a até hoje como um papiro, uma verdadeira "Carta Magna".

Lá, escreveu: "Nossa platéia é o tempo... e está de casa cheia!" 



PERFIL

Bec

Foto: Renato Carmizato



Sérgio Blank

blanksergio@gmail.com

atriz na biblioteca

Numa tarde de verão em fevereiro, na Biblioteca Pública do Espírito Santo, no setor que abriga o magnífico acervo do historiador José Teixeira de Oliveira, intelectual que pode servir de símbolo de amor aos livros, tive o prazer de receber essa pessoa que atuou com tamanho empenho em tantas áreas da cultura capixaba. Refiro-me a Beatriz Abaurre, musicista, escritora, e participante em diversos organismos de defesa e divulgação da nossa cultura. Num papo intercalado por muitos sorrisos, bem peculiar ao seu jeito de ser, Beatriz discorreu um pouco sobre sua história de realizações e superações, como convém a uma grande mulher.

Beatriz Abaurre nasceu em Londrina, Paraná, radicando-se desde jovem no Espírito Santo. Sua formação musical se fez no Conservatório Brasileiro de Música e, em nível pós-graduado, na Academia Lorenzo Fernandez, ambas no Rio de Janeiro, o que lhe serviu de base para uma carreira de desafios e vitórias como instrumentista (piano, violino e viola) e professora da Escola de Música do Espírito Santo.

Nos anos 70, Beatriz Abaurre foi diretora-presidente da Fundação Cultural do Espírito Santo (hoje SECULT), onde se destacou por uma política cultural dinâmica, conforme podemos avaliar por uma simples lista de realizações, muitas delas ainda hoje existentes: contribuiu com uma das reformas do Theatro Carlos Gomes; criou e instalou a Galeria Homero Massena; criou a revista *Cuca – Cultura Capixaba*, que marcou época no meio artístico do Espírito Santo; conseguiu a doação de um terreno na Praia do Suá onde mais tarde foi construído o prédio da Biblioteca Pública em que aconteceu esta conversa pontuada de momentos de emoção.

Como conselheira titular (e eventual presidente) do Conselho Estadual de Cultura, cargo que ocupou por várias vezes, Beatriz Abaurre teve corajosos confrontos com interesses antagônicos à política de tombamento de bens naturais, históricos e afins. Um episódio especialmente difícil foi aquele que envolveu a defesa da pedra do Penedo, marco natural que, na opinião dela, representa o Espírito Santo assim como o Corcovado representa o Rio de Janeiro.

Problemas de saúde, inclusive sérios problemas de visão, inviabilizaram a sua atuação junto à Orquestra Sinfônica como instrumentista, levando-a a buscar outro caminho de expressão artística, o da literatura. Nessa condição, Beatriz publicou uma série de livros para crianças com temática musical, contando histórias em que os personagens principais são instrumentos de música, entre eles Joaquim e seu flautim e A revolução das violas. Essa fase foi extremamente importante para ela pelo que representou de sobrevivência humanística.

A partir daí, aproxima-se do meio universitário através da realização de estudos superiores na área de Letras e da produção de trabalhos acadêmicos, alguns deles premiados, como *Um olhar feminino sobre a ilha de Vitória*, agraciado pela Academia Espírito-santense Feminina de Letras.

Seu mais recente trabalho publicado, *O jogo da velha*, é uma adaptação de conotações eróticas da tradicional história infantil de *Chapeuzinho Vermelho*, que foi lançado na BPES logo após ter sido entregue ao público a nova sede reformada desta Biblioteca.

Tanto Beatriz Abaurre como eu acreditamos que a vida é cíclica, e exemplo disso é que ela está sempre presente e sempre de volta à Biblioteca Pública, lembrando que foi ela a responsável pelo próprio solo em que a instituição lançou raízes e até hoje continua a sua trajetória em prol da leitura e do conhecimento. **D**



ARTES VISUAIS

Essas e outras passagens, com

Orlando Farya



Artista Plástica, Mestre em Arte (UFES) e Doutoranda em Comunicação e Semiótica (PUC/SP).

Conheci Farya nos anos 80, quando eu era estudante. A partir de então, observei o delineamento de sua trajetória no panorama cultural capixaba, em outros Estados e no exterior, com exposições na Alemanha e na França.

Em 2000, ele produziu o vídeo *Trip*, composto por citações tão díspares como Leonardo da Vinci, Andy Warhol e Ricardo Basbaum. Desde então, tem nos transportado por tempos e lugares diversos, entre citações de obras de arte e monumentos, sempre utilizando a fotografia digital.

Hoje professor no Centro de Artes/UFES, Farya concentra grande parte de sua produção nas viagens, seja por Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, seja por Berlim, Londres, Paris, Budapeste, Madrid, Nova York, Roma, Marrakech, Havana e tantas outras.

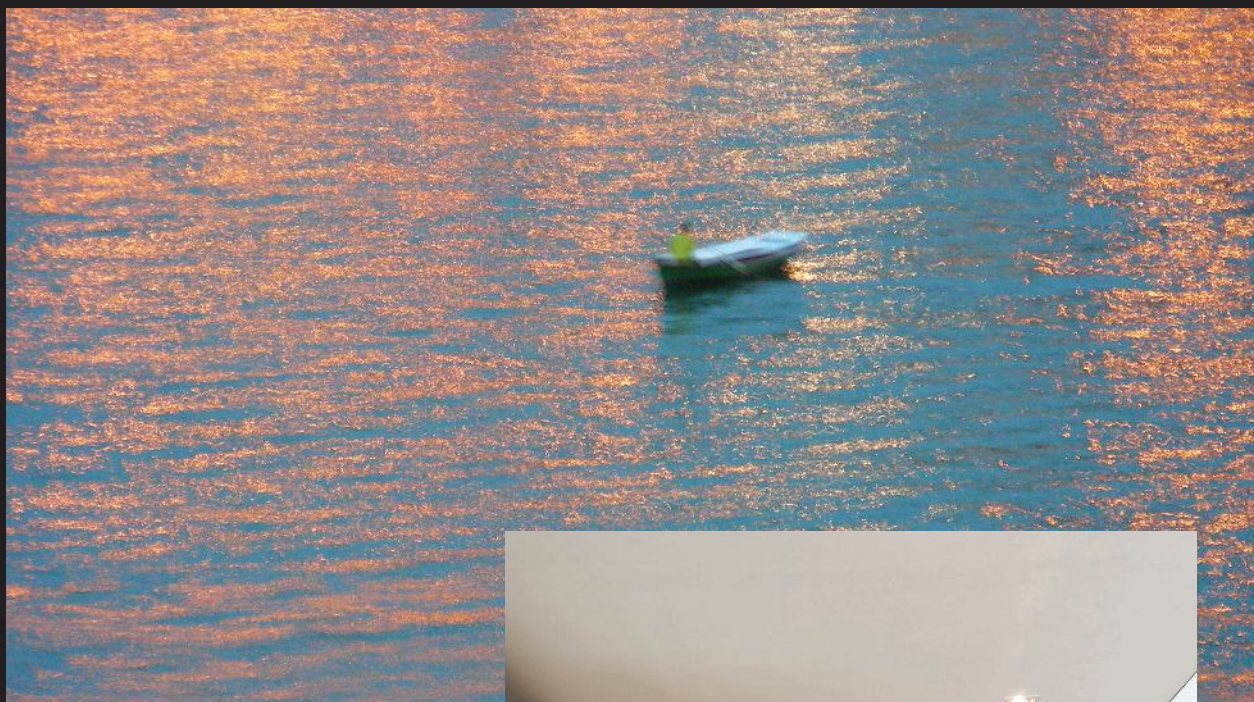
Para iniciar nosso percurso junto a algumas fotos do artista, todas de 2010, partimos de onde acreditamos

mais conhecido: a região do Porto de Vitória, nos arredores da Cidade Alta. Farya produziu a fotografia em que a luz dourada e os tracejados dos pixels dominam a composição em torno de um pequeno barco: impossível não lembrarmos da tela *Impression, soleil levant*, de 1872, pintada por Monet, ou das superfícies pontilhadas de Seurat.


Seguimos “viagem” por outras de suas fotos, e aí vale a visita à exposição *Transcendências*, no Palácio Anchieta, para conferir a obra *Margeando o Rio Nilo*. Com montagem diferenciada, uma turista oriental, de máquina fotográfica em punho, está posicionada à frente de um nascer do sol, às margens da estrada ferroviária entre Cairo e Luxor, no Egito. Pela dimensão das fotos que formam o políptico ao fundo, parece quase possível sentirmos o calor da paisagem, nos tons quentes que tingem, turvamente, as palmeiras, tornadas alaranjadas, e traduzem geografia em cor.

Fátima Nader

fatimanader@yahoo.com.br



Entretanto, mais importante é o que se instaura: não se trata de uma cenografia exótica, mas de um ato próprio ao consumo turístico. Ao capturar as imagens, revisar o mundo digitalmente e criar uma montagem, o artista se afirma distante de um fotodocumentarista. É, na verdade, uma sequência de tempos diferenciados inscrita no espaço expositivo, simultaneamente, apresentando a memória de diferentes lugares de passagem.

Na diversidade dos destinos, a paisagem é uma sucessão de horizontes e corpos em ação: o prazer de observarmos o mundo torna-se qualidade poética, parte de um roteiro in progress. Mas essa história, continuamos em outra viagem. 



TEATRO

Vivo *O teatro está*

A realidade da cena contemporânea teatral mistura-se a toda gama dos gêneros artísticos e passa pelos mesmos problemas da maior parte do globo: descontinuidade, falta de organismos de formação e de exibição, escassez de contempladores, produtores e artistas, perda de credibilidade junto a sociedade, gradativa aniquilação pelos meios de entretenimento instantâneo e a distância, dependência do Estado etc.



Dramaturgo, diretor e ator

É preciso cogitar que o Espírito Santo nunca foi, e ainda está longe de ser uma potência em produção artística, e embora existam profissionais de qualidade a realidade ainda é de um lugar que teme em convergir arte e produto. Ao enxergar superficialmente, parece haver uma tímida movimentação teatral, somente parece, pois o tamanho ocupado é proporcional ao espaço disponível.

Nos últimos dez anos o teatro local passou por inúmeras mudanças e a maioria delas necessita de comemoração. Nesse período, novos grupos e companhias foram criados, os veteranos continuaram a trabalhar e é possível vislumbrar

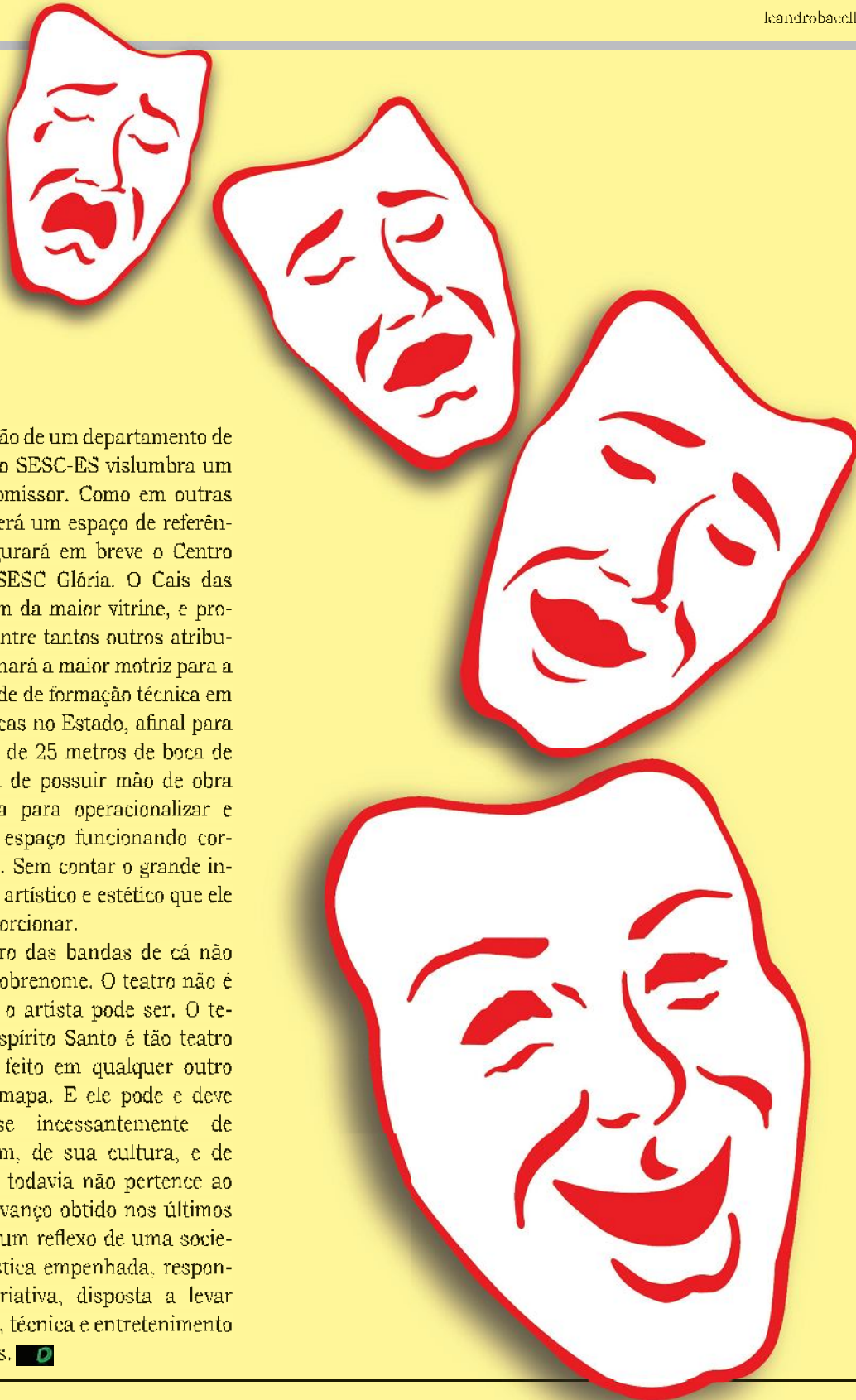
um futuro crescente.

O teatro daqui exibiu uma enorme variação estética nesse interim. Linguagens foram definidas e experimentadas. Produções pequenas, médias e grandes. Grupos como "Z", "Teatro Empório", "Vira Lata", "Gota Pó e Poeira", "Rerigtiba", "Teatro Urgente", "Folgazões" entre outros, produziram com afinco, revelando que o teatro de grupo ainda é a chave para a reinvenção eterna que o teatro necessita. Entre as linguagens apresentadas tem-se palco, espaços abertos e alternativos, e arena. O nível intelectual das propostas se elevou, qualidade dos gêneros e sutilmente uma renovação na dramaturgia local aparece.

Nesses últimos dois anos houve o edital de Residência em Artes Cênicas da Secretaria de Estado da Cultura que possibilitou o intercâmbio entre de artistas locais e artistas de renome nacional, resultando dez montagens, entre dança e teatro, criadas em parceria com um olhar estrangeiro. A ópera ganhou um salto importante, afinal acumulam-se devido ao edital para produção desse tipo de espetáculo, quatro montagens em solo capixaba, também nesse período.

Leandro Bacellar

leandrobacellar@ig.com.br



A fixação de um departamento de Cultura no SESC-ES vislumbra um futuro promissor. Como em outras cidades, terá um espaço de referência, inaugurará em breve o Centro Cultural SESC Glória. O Cais das Artes, além da maior vitrine, e proporções, entre tantos outros atributos, se tornará a maior motriz para a necessidade de formação técnica em artes cênicas no Estado, afinal para um teatro de 25 metros de boca de cena, terá de possuir mão de obra qualificada para operacionalizar e manter o espaço funcionando corretamente. Sem contar o grande intercâmbio artístico e estético que ele pode proporcionar.

O teatro das bandas de cá não deve ter sobrenome. O teatro não é capixaba, o artista pode ser. O teatro do Espírito Santo é tão teatro quanto o feito em qualquer outro lugar do mapa. E ele pode e deve orgulhar-se incessantemente de sua origem, de sua cultura, e de sua casa, todavia não pertence ao chão. O avanço obtido nos últimos tempos é um reflexo de uma sociedade artística empenhada, responsável e criativa, disposta a levar qualidade, técnica e entretenimento às platéias. ■

CINEMA

Difícil é Jogar o Velho Fora



Escritor e documentarista

Quando menino via da varanda de minha avó, na beira do rio, ao lado do Cine São Luiz, por uma janela que ficava aberta nas sessões noturnas durante os verões caniculares de minha terra, os filmes de Western Espaguete. Ocorre que pela janela só era possível ver a metade da tela e foi assim que descobri que o bandido sempre fica do lado esquerdo na hora do duelo. Tantos que vi cair na poeira amarela das ruas. Dessa forma, reclamando de nunca poder ver o mocinho sacando mais rápido e tendo que me contentar apenas com a queda dos valentões malvados e os assobios da platéia, descobri que estava diante de algo premeditadamente construído para me dizer de que lado ficam os maus.

Descobri que na linguagem tradicional do cinema há música para morrer, para beijar, para temer, assustar, rir. Entendi o rime rime das tramas pueris e que mesmo assim pode-se contar uma história previsível em grande estilo porque esse diretor é melhor que aquele.

Mais tarde, já bem longe daque-

la varanda, descobri que o mundo do cinema é uma eterna busca por novas linguagens desde que não se esteja a serviço da grande indústria que só absorve as novidades depois de muito bem testadas. E o audiovisual uma construção permanente nessa busca em quebrar o estabelecido. E nesse sentido o terceiro mundo, muitas vezes por precariedade na produção, instiga o gênio de diretores, fotógrafos e montadores a construir soluções e opções que o estabelecido confortável não permite.

Hoje, de uma janela ainda mais distante daquela varanda e já tendo eu mesmo realizado alguns filmes e outras travessuras no audiovisual, vejo o momento do cinema capixaba numa boa encruzilhada onde o precário ainda impera, mas os indicativos prometem. Até muito pouco tempo, por exemplo, o Sebrae não reconhecia o arranjo produtivo criativo como uma pauta institucional da Entidade. Agora, no entanto há um programa em andamento com o objetivo de fomentar o setor como gerador de trabalho e renda, por formas diretas e, mais ainda, indiretas. Vejo as produções aumentarem em quantidade e qualidade,

João Moraes

joaopatuleia@superig.com.br

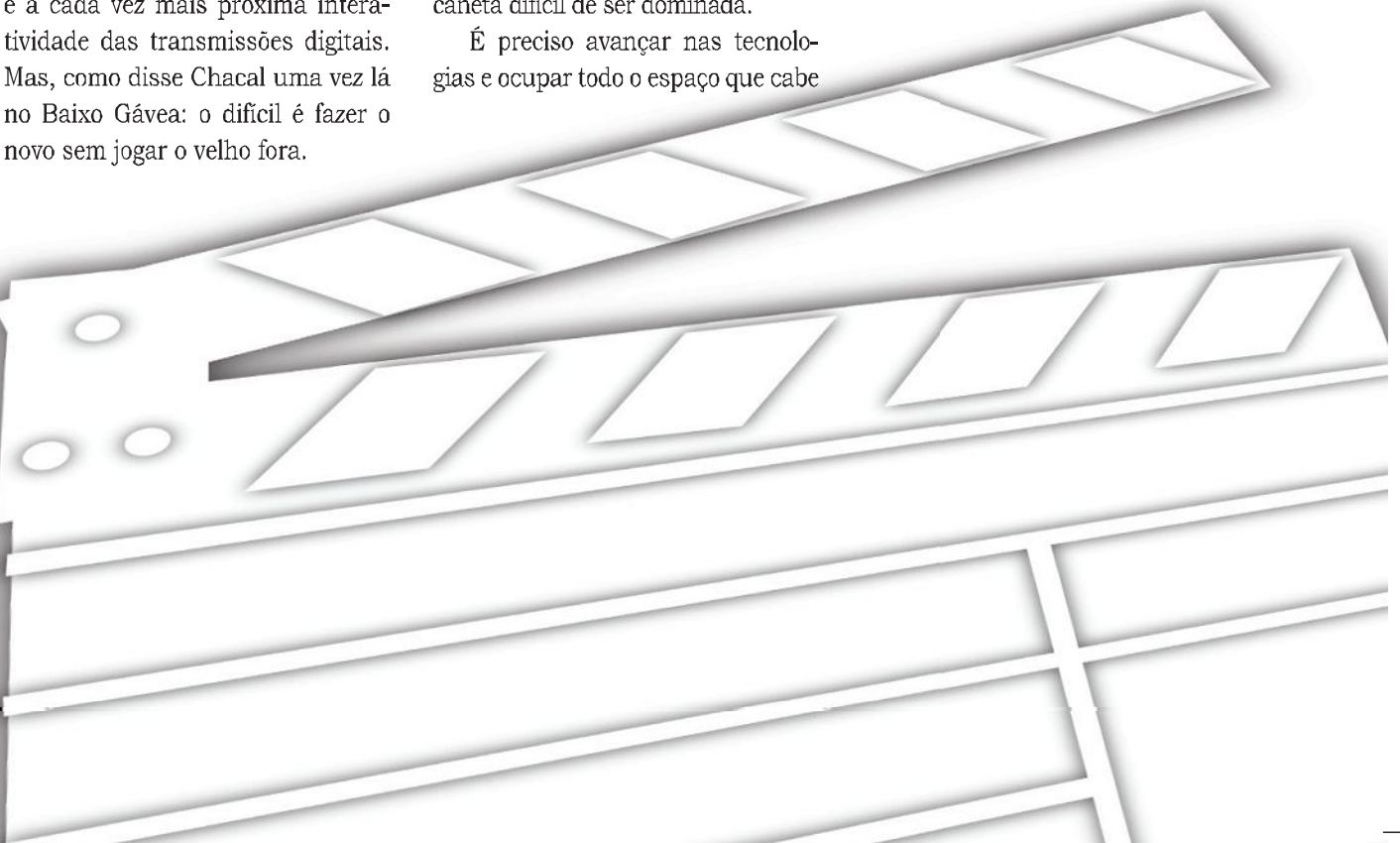
vejo vários realizadores se projetando fora do estado e do Brasil.

Mas vejo também que, de Ludovico Persici, lá da década de 20, a Alexandre Serafine, com seu ótimo Dois e Meio, exibido agora em 2011 na mostra Tiradentes e um dos ganhadores do Vitória Cinevídeo, muita coisa há que se repensar, principalmente para atender os processos transmidiáticos e as novas janelas que pipocam a cada mês na forma de I pads, celulares, e a cada vez mais próxima interatividade das transmissões digitais. Mas, como disse Chacal uma vez lá no Baixo Gávea: o difícil é fazer o novo sem jogar o velho fora.

Penso ser esse nosso grande desafio. Continuar inventando e buscando novas linguagens, adequar nossas produções para essas novas janelas, mas sem abandonar o debate sobre o cinema, os encontros para falar de filmes, produzir para os telões, fazer e participar de festivais, construir caminhos para formação de platéia e democratizar o acesso aos meios de produção audiovisual aos que ainda vêm essa montoeira de equipamentos e botões como uma caneta difícil de ser dominada.

É preciso avançar nas tecnologias e ocupar todo o espaço que cabe

ao audiovisual no mundo, o que não é pouco. E, o mais importante: continuar contando as mesmas histórias de sempre, explorando o metafísico, o amor, o medo, a alegria e a dor; levar tudo isso para os novos formatos; mas sem nunca esquecer que os bandidos sempre morrem do lado esquerdo. Por que? Porque a própria vida é o maior dos clichês e, no entanto, tentamos, diariamente, transformá-la em algo que valha a pena até o último crédito. ■



FOTO

Sagrilo

sagrilo@sagrilo.com.br

Vulto - instalação de Paulo Vivacqua
Exposição "Transcendências" - Palácio Anchieta